

## Resposta ao comentário do Dr. Sérgio C. Almeida

Caríssimo Dr. Sérgio,

Maior honra e alegria é a minha ao ler os seus comentários, que considero profundos, densos, relevantes e provocadores de novas reflexões. Agradeço à *Trieb* e a você pela oportunidade do diálogo fecundo.

Li com grande interesse as suas colocações. Da mesma forma que você, considero suas ideias tão claras e pertinentes que seria redundante retomá-las. Prefiro então tentar expandir essa “clareira” que você abre ao discutir a problemática fronteira (tanto conceitual como vinculada à prática profissional dos psicanalistas, dos psicólogos, dos médicos em geral e dos psiquiatras) do corpo-mente.

Mas, primeiro, gostaria de discutir sua questão: “Se a Psiquiatria procura descrever e classificar os sintomas e os sinais psicopatológicos das enfermidades neuromentais baseada no ideal taxionômico da Botânica a partir do século XVIII – portanto explicá-los – e a Psicanálise, através da psicodinâmica freudiana, compreendê-los, seria a primeira uma ciência da Natureza (*Naturwissenschaft*) e esta última uma ciência do Espírito (*Geistwissenschaft*)?”

Creio que essa questão essencial abrange a maior parte das suas considerações posteriores, pois, de fato, aponta para a complexa (e milenar) discussão sobre a relação mente-corpo, sempre relançada pela Filosofia, e que configurou, a partir da dicotomia cartesiana da *res extensa* versus *res cogitans*, todo o desenvolvimento das ciências contemporâneas, criando o fosso que separa as ciências naturais das humanas.

A Escola de Psicopatologia de Cambridge insiste sobre a ideia de que a Psiquiatria é uma prática social e um campo de conhecimento inerente e inevitavelmente híbrido. Com essa expressão, o que se busca salientar é o caráter irrevogavelmente duplo da Psiquiatria: enquanto parte da Medicina, deve apoiar-se no estudo das estruturas e funções do corpo (cérebro e sistema nervoso) e, portanto, principalmente na Biologia, na Biofísica, na Bioquímica. Porém, enquanto campo de investigação e intervenção sobre a mente, mundo psíquico, necessita conjugar-se às Ciências Humanas, pois o seu objeto é o sujeito biopsicossocial, vivo e interativo, imerso na sociedade e na cultura. Essa discussão encontra-se muito bem desenvolvida no livro de G. E. Berrios, *Rumo a uma nova epistemologia da psiquiatria* (2015), e na coletânea de artigos que enfeixa os

trabalhos dos membros da Escola de Psicopatologia de Cambridge, *Rethinking psychopathology: creative convergences* (2020).

De minha parte, penso que a Psicanálise é uma nova e revolucionária maneira de equacionar o enigma da relação mente-corpo, embora mantendo o mistério que cerca inúmeros aspectos de cada um desses domínios, mas escapando tanto do monismo (pan-psiquismo/pan-fisicalismo) quanto do dualismo irreduzível – ao propor a unidade dual do corpo-mente. O corpo humano, em sua expressão no mundo, nunca é só organismo, ele é sempre também mental. O corpo é imagem e esquema mental, é construído na mente com o material apresentado pela Natureza. Não é só representado, ele é literalmente um corpo trabalhado, um corpo pulsional, parte inalienável do que chamamos sujeito humano. Somos nosso corpo, tanto quanto nos reconhecemos em nossa mente. Basta recordar a célebre formulação freudiana: “O Ego é antes de tudo um ego corporal”.

A pulsão, que Freud denominava como “mítica”, é produto da fronteira entre o corpo e a mente. Nasce nesse encontro entre o natural e o social, entre o biológico e o cultural. É um “ser-de-fronteira”, um produto híbrido, composto, dual. Não pode ser reduzida ao biológico, nem pode ser assimilada ao representacional.

Penso que não exista distinção essencial entre o que no homem é sua experiência corporal, seu Eu concreto, existencial, e suas percepções, representações, sensações e apreensões.

Certa vez, humoristicamente, cunhei o seguinte aforismo: “O homem é o animal contrariado”. De fato, contrariamos continuamente nossas disposições naturais. Não dormimos quando temos sono, não comemos quando temos fome, não praticamos sexo quando a Natureza assim nos convoca. Nossa “natureza” é contranatural. O que chamamos de “natureza humana” são nossos desejos, nossos sonhos, nossos projetos, tudo aquilo que nos dirige para o mundo da intersubjetividade e da cultura.

Dessa forma, o dilema do que une e separa o cérebro e a mente, os neurônios, sinapses e neurotransmissores com a subjetividade, é que o todo que é o ser humano, essa unidade dual, existencialmente, no mundo, sempre se apresenta com um corpo e uma mente. Simultâneos e interativos. Não há um só fenômeno humano em que vivenciemos qualquer situação sem corpo. Nunca descorporalizamos. Mas também não há nenhum fenômeno ou situação humana, incluindo o coma profundo, em que a mente, o psiquismo, esteja ausente.

Assim, se considerarmos a psicose (e aqui eu me refiro à estrutura psicanaliticamente considerada, e não às categorias psiquiátricas), como uma das

inúmeras possibilidades de expressão existencial humana, nela, a mente e o corpo estão em uma forma particularíssima de interação. Penso que na circunstância do surto, na irrupção dos produtos do inconsciente, o que está em jogo é tanto da ordem do biológico, na forma do “sinal cerebral disfuncional”, quanto é subjetivo e cultural, na forma da “sopa primordial”, onde reinam os pré-pensamentos, as protossensações.

Retomando, então, a questão da separação epistemológica das ciências do espírito frente às ciências naturais, eu considero a psicanálise como o saber e a prática clínica que talvez não as unifique, mas que permite uma superação dialética da dicotomia, e converte o dilema em problema. Aplicada às complexas questões da psicose, a perspectiva psicanalítica não exclui o biológico do cérebro e sistema nervoso, mas o pressupõe e o conjuga com sua expressão, o sistema psíquico, consciente e inconsciente. As pulsões são, nesses sistemas, o físico e o mental, a torção da banda de Möbius – a comutação do interior ao exterior, a continuidade que une, ao mesmo tempo em que distingue.

Espero que essas discussões prossigam e frutifiquem.

Um abraço.

Lazslo